

**BAUCHWITZ, O. F.; FERNANDES, E.;
BEZERRA, C. (ORG.).**
SEMINÁRIOS DO SERIDÓ: SOLIDÃO E LIBERDADE.
NATAL: EDUFRN, 2015. 404 P.

Luiz Fernando Fontes-Teixeira

Universidade de São Paulo

Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago. 2015, p. 321-330

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109





Se não me falha a memória, acredito que tenha sido em Niterói, Rio de Janeiro, mais precisamente na Universidade Federal Fluminense, que a ideia dos Seminários do Seridó surgiu pela primeira vez. Naquela ocasião, reuniram-se os membros da Sociedade Internacional e da Sociedade Ibero-Americana de Estudos Neoplatônicos para um encontro regular. A data, salvo engano, era algo como maio de 2011. Estavam presentes diversos pesquisadores renomados, respeitados professores, estudantes engajados, além de queridos amigos de longa data.

Contava-se ainda com um tempero especial, a saber: a conferência que seria proferida por Marco Lucchesi – que havia recentemente assumido a 15ª Cadeira da Academia Brasileira de Letras. Todas as ocasiões nas quais Lucchesi participava dos encontros das sociedades de neoplatonismo se configuravam como momentos especiais, fosse pela divulgação de seus trabalhos mais recentes, que aguçavam a curiosidade dos ouvintes, fosse pelo vasto arsenal literário e poético que ele trazia consigo, promovendo um deleite coletivo.

Ao lado de Lucchesi, na mesma mesa, encontrava-se Faustino Teixeira, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi nesse instante que ficamos sabendo que, ao lado de seus colegas de universidade, ele tinha por hábito organizar encontros periódicos nos Seminários da Floresta, em Minas Gerais. Nesse ínterim, Oscar Federico Bauchwitz comentou, chistosamente, que seria interessante realizar os “Seminários do Sertão”, ou ainda, os “Seminários do Seridó”!

Sem embargo, a ideia dos Seminários do Seridó nasceu como um chiste, todavia um chiste muito sério. Alguém poderia achar que o fato de os Seminários terem sido concebidos dessa forma diminui a coisa. Muito pelo contrário! É no chiste que encontramos aquilo que de mais valioso se manifesta no inconsciente. É uma das expressões mais sinceras do Real. Ao traçar o paralelo entre o ambiente das matas de Minas Gerais e a geografia seridoense do sertão potiguar, ele conjurava a relação do ser humano com a sua terra e de que maneira a experiência meditativa era convocada a se desvelar na reciprocidade desse relacionamento.

Não tardou para que a ideia dos Seminários do Seridó fosse posta em marcha. Já no ano seguinte, em 2012, Oscar Federico Bauchwitz, ao lado de Edrisi Fernandes e Cícero Cunha Bezerra, promoveu o encontro na cidade de Acari, Rio Grande do Norte, sob o tema: Solidão e Liberdade!

As duas palavras-chave que orientavam as exposições não eram de pouca monta. Remetiam a uma profunda introspecção de tópicos refinados e de extrema complexidade. Esta complexidade não era dificuldade, mas intimidade. Algo da ordem de uma busca pelo que se desdobra no mais íntimo da humanidade do humano. Algo que dificilmente pode ser tocado por conceitos abstratos e que se revela, antes, na singularidade de um evento especial. Era o ambiente do açude de Acari que permitia o vislumbre deste evento.

Para aqueles que não estão familiarizados com a paisagem seridoense, o livro oferece, logo de início, uma descrição que permite experimentar o horizonte em questão, mediante o “Memorial: solidão e liberdade no Seridó”, escrito por Edrisi Fernandes para apresentar a obra. Ele comenta uma inquietante ambiguidade presente na relação dos seridoenses com sua terra: “eles vivenciam como se fosse liberdade sua dependência em relação a essa região de grandes contrastes climáticos, paisagísticos e cromáticos, com um desprendimento alegre como aquele do acari na água ou do avoete no céu” (p. 9). O desprendimento ao qual se refere Edrisi Fernandes é fruto de uma reflexão introspectiva em torno à solidão, elucidada

apenas quando suas referências vêm à tona. Ele convoca para um mesmo diálogo Thomas Wolfe e Plotino, observando a posição do plotiniana na qual o desprendimento é entendido como caminho para alcançar o Uno/Bem, contrastando-a com a colocação de Wolfe, onde a solidão emerge como resignação e direção para atingir o conhecimento da criação divina.

É curioso que Edrisi Fernandes destaque justamente o que há de mais imanente nas palavras de Wolfe, para ligar esse elemento ao mais alto grau especulativo da doutrina de Plotino. Ele enfatiza, a partir de Wolfe, que “a solidão é a cura mais certa para a vaidade”. Nesse sentido, prossegue afirmando que “A solidão não é apenas a experiência daquilo que nos falta; é sobretudo a experiência de quem somos”, acrescentando ainda que “ao buscar entender melhor as relações entre Solidão e Liberdade, libertamo-nos de outros afazeres (e quiçá tenhamos dado um pouco de trégua às nossas vaidades) para nos encontramos em Acari” (p. 13). Em outros termos, Edrisi atenta para a tarefa de se despojar daquilo que no sujeito é pura egoidade, rumo ao evento que o permite se apropriar de sua liberdade.

O livro reúne, além do memorial, 23 trabalhos de professores e pesquisadores envolvidos com o tema dos Seminários. O primeiro destes trabalhos é de Alan Marinho Lopes Henrique e aparece sob o título “Eckhart e Heidegger: do ser separado à serenidade”. Trata-se de uma discussão que já há algum tempo vem sendo levantada pelos estudiosos de Martin Heidegger, intrigados com as influências de Mestre Eckhart em seu pensamento. Por se tratar de um tópico polêmico e sujeito a controvérsias, o autor congrega algumas referências basilares para motivar a discussão, dentre as quais os trabalhos de Philippe Capelle, John Caputo, Vincenzo Vitiello, Amador Vega e Kurt Flasch.

A obra segue com um trabalho de Amanda Viana Sousa, intitulado “O instante solitário e a liberdade originária em Mestre Eckhart”. Ela se empenha na árdua tarefa de abordar a questão da temporalidade na doutrina de Eckhart. Ao pontuar as diferenças

entre o “tempo da criatura” e o “tempo do Criador”, Amanda proporciona ao leitor um roteiro de estudos pertinente, bem pensado e atenciosamente executado em coerência com o problema ontológico e meontológico que embasa o pensamento de Eckhart.

Ao prosseguir na leitura do livro, o leitor irá se deparar com o interessante ensaio de Angela Almeida: “Riobaldo: homens imaginários”. A autora se engaja em uma exposição do lugar da fotografia na estética filosófica contemporânea, destacando suas possibilidades de alcançar problemáticas fundamentais para o pensamento. Ela aproveita o ensaio fotográfico por ela mesma realizado, na cidade de Lages, sertão do Rio Grande do Norte, para situar o leitor a partir de uma série de registros que compreendem três gerações de uma família de vaqueiros da região. Ao fim do artigo, o leitor pode conferir dois exemplos de fotografias do ensaio original de Angela Almeida.

Em seguida, aparece o trabalho de Caesar Malta Sobreira: “Antropologia da solidão: o eterno retorno do Uno em Maimônides, Eckhart e Al-Hallaj”. O artigo é enriquecido com detalhes sobre distintos fundamentos da cultura ocidental, no judaísmo, no islamismo e no cristianismo. Não é necessário chamar atenção para o fato de que as alterações entre as religiões demandam uma intervenção urgente. Nesse sentido, se alguém possui por objetivo elucidar os percalços do conflito agravado nos últimos tempos, certamente irá se beneficiar com este trabalho.

O artigo seguinte, intitulado “O Uno plotiniano: liberdade e autorrealização”, é de autoria de Cícero Cunha Bezerra, um dos organizadores do evento e do volume dos Seminários. Sua contribuição para o livro vem se somar aos esforços empreendidos em grande parte de seus escritos, isto é, elucidar aspectos primordiais do neoplatonismo, alavancando uma meditação em torno à necessidade de retorno ao fundamento.

O trabalho de Edrisi Fernandes (também organizador do evento e do livro), aparece, na sequência, sob o título “O perfume do nada: o apofaticismo neoplatônico na poesia de Miguel Cirilo”. Ele

busca as referências de Miguel Cirilo para aclarar alguns aspectos pontuais de sua poesia, acrescentando supostas influências e paralelos pertinentes para impulsionar uma introdução ao apofaticismo manifesto em sua obra poética.

O próximo trabalho, “A solidão: a esfera impalpável da liberdade transcriativa” é assinado por Francisco Ivan. Como um estudioso do Barroco, o autor aproveita o espaço que lhe é destinado para suturar o sentimento abissal que toma conta da “noite obscura dos sentidos do universo”. O resultado é um passeio entre forma e conteúdo, que vai de Roland Barthes a James Joyce, promovendo um percurso que interpela o leitor como uma epifania na travessia pelo deserto.

Na sequência, o trabalho de Ilza Matias de Sousa oferece um encontro especial com um poeta pantaneiro. Sob o título “Solidão e liberdade e dimensão filosófica em Manoel de Barros”, Ilza trafega pelos desenhos de palavras da poesia barrosiana. Seu ponto de partida conversa com Barthes, Foucault, Deleuze e Badiou, convergindo para a exaltação da singularidade enquanto imprevisibilidade, jogo e criação.

O texto seguinte é de Íris Fátima da Silva, intitulado “Solidão abismal e liberdade: a maturidade especulativa de Luigi Pareyson”. O filósofo abordado no artigo é ainda pouco conhecido no Brasil, o que torna o trabalho uma contribuição sincera para quem se interessa pelos temas desenvolvidos por Pareyson.

Um pouco mais adiante, surge “O problema de identificação entre o Uno de Plotino com o Deus judaico-cristão”, composto por Janduí Evangelista de Oliveira e por Marcos Roberto Nunes da Costa. Os autores levantam uma questão complicada para muitos estudiosos da filosofia da religião. As teses discutidas são lúcidas e bem estruturadas, tornando o texto um convite à renovação desse diálogo.

Na sequência, encontra-se o artigo “Soledad, deseo y libertad em Simplicio”, apresentado por José María Zamora Calvo. Trata-se de um artigo impecável, estrategicamente erudito e com um enfo-

que cuidadoso de um autor essencial do pensamento antigo. A experiência de Zamora nos estudos de filosofia antiga é revelada na maneira propedêutica pela qual ele apresenta o que há de mais importante a ser destacado, no que tange aos três conceitos enfatizados no trabalho.

A seguir, José Teixeira Neto apresenta o texto “Do fato de amares não decorre que sejas amado: pensar a liberdade a partir do *De visione dei* de Nicolau de Cusa”. Rico em notas de rodapé e considerações técnicas, o trabalho acrescenta alguns pontos importantes no tema que por ele vem sendo estudado desde suas pesquisas doutorais, sobre o mesmo filósofo.

A interessante contribuição trazida por Leonel Ribeiro dos Santos, sob o título “Cuidado da alma e poética da solidão: considerações sobre o platonismo de Petrarca”, aparece na sequência do livro. Poucos são os estudantes de filosofia que se ocupam de Petrarca, uma das mais decisivas influências para a constituição do pensamento moderno e um autor que merece ser lido com maior cuidado. O trabalho de Leonel proporciona uma ótima introdução ao poeta renascentista.

As páginas seguintes são preenchidas por um trabalho de minha autoria, intitulado “Solidão e liberdade: unidade, natureza e transcendência”. Ali, o leitor encontrará algumas observações a respeito da literatura norte-americana, dentro do movimento conhecido como Transcendentalismo, com especial atenção para as obras e Emerson e Dickinson.

“Alma e liberdade em Plotino” é o título do próximo texto, de autoria de Marcello Henrique Medeiros de Paiva. Ele traz de maneira clara e distinta quais são os elementos importantes a serem pensados no que diz respeito ao problema da liberdade em Plotino.

“O problema da moral no sistema ontológico cosmológico natural necessário plotiniano”, de Marcos Roberto Nunes da Costa, ocupa a continuação da obra. O artigo contempla uma visão panorâmica da doutrina de Plotino, com o objetivo de conectar temas

de filosofia prática ao movimento especulativo operado nas *Enéadas*.

Logo em seguida, o artigo “Determinismo, liberdade e astrologia nos estoicos”, de Marcus Reis Pinheiro, ingressa em uma discussão polêmica acerca das elucubrações estoicas a respeito dos astros. As consequências do direcionamento estoico sobre o problema da liberdade e do determinismo, que tardaria séculos para ganhar o formato de antinomias abstrusas das teorias do conhecimento, são atenciosamente apresentadas pelo autor em sua conexão com a astrologia antiga.

O próximo trabalho, de autoria de Maria Emilia Monteiro Porto, intitula-se “Relatos de solidões, políticas de liberdades: jesuítas nas missões das Capitanias do norte”. Trata-se de uma reflexão em torno à narrativa de um momento histórico particular, capturado pela autora em descrições quase pictóricas. Evidencia-se a forte imanência dos relatos trazidos pela autora, que permitem sentir nas entranhas a tensão entre solidão e liberdade.

“Singularidade e liberdade espiritual”, de Noeli Dutra Rossatto, é o próximo texto. O autor caminha pela filosofia medieval, com especial atenção para o papel de Joaquim de Fiori na compreensão da trindade, pontuando uma leitura hermenêutica que permite traçar diversas possibilidades de recepção contemporânea do tema.

“Solidão, liberdade, concretude” é o título do capítulo assinado por Oscar Federico Bauchwitz, idealizador e organizador do evento e da obra. Na abertura de um diálogo entre Mestre Eckhart, Martin Heidegger e o artista basco Eduardo Chillida, Bauchwitz oferece ao leitor o fruto de uma meditação acerca dos espaços que se abrem entre o mundo e a terra, em uma composição profundamente especulativa.

“Movimientos helicoidal y circular como símbolos de la libertad humana en el diálogo *De lugo globi* de Nicolás de Cusa” é o título do trabalho apresentado, na sequência, por Paula Pico Estrada. Aqueles que se interessam pelo cusano, certamente irão encontrar

uma habilidade ímpar no manejo com a noção de liberdade a partir do problema do movimento.

Raúl Gutiérrez é o próximo a contribuir com um artigo, bastante denso, todavia fluente e agradável de se ler. Seu tema, “Unidad y multiplicidade en las grandes religiones”, traça uma linha transversal, que parte do princípio do Uno em Plotino e atravessa o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, o hinduísmo e o budismo, buscando encontrar o conflito primordial do uno e do múltiplo em suas estruturas basilares.

O último texto que o leitor encontrará será o de Verônica Cibele do Nascimento, intitulado “A questão do pensar em Mestre Eckhart e Heidegger”. O texto de Verônica conserva algo da pureza de uma filosofia primeira, isto é, apresenta seu problema desde aquilo que vige de mais originário no questionamento filosófico. Sua preocupação parece ser a de evidenciar que, a despeito dos temas e contendas particulares que orbitam as obras de ambos os autores, aquilo que de mais fundamental se encontra em ambos é um pertencimento entre o pensar e o “fundamento último da realidade”.

Por fim, gostaria de tecer algumas breves considerações sobre o volume aqui resenhado. Em primeiro lugar, talvez fosse muito mais interesse comentar cada um dos textos separadamente, em seus contextos isolados. Essa tarefa é, todavia, impossível de ser realizada em um espaço como este, além de contraproducente para os propósitos de uma resenha. Portanto, meu esforço de relatar brevemente o conteúdo de cada um dos artigos se vê necessariamente frustrado diante do turbilhão de questionamentos e reflexões que foram levantados no decorrer das leituras. Um mal necessário para que seja possível contemplar a envergadura da obra. Em segundo lugar, embora os tópicos divirjam, as perspectivas variem e os autores impliquem suas interpretações pessoais em cada um dos trabalhos, há inquestionavelmente um denominador comum a ser observado. Contudo, não se trata de um mero eixo temático, como se “solidão e liberdade” fossem um assunto qualquer ou uma disciplina institucionalizada. Antes, trata-se de um modo de medi-

tar acerca das perguntas fundamentais herdadas da tradição, conforme uma orientação específica: aquela na qual a introspecção solitária salvaguarda a liberdade do pensamento.

Resenha recebida em 20/08/2015, aprovada em 21/09/2015